

Índice

Prefácio a Esta Edição	i
Prefácio à 10. ^a Edição	v
<i>Bilhete de Identidade</i>	
Introdução	9
I. O Meu Pai	19
II. A Minha Mãe	33
III. A Avó Maria	56
IV. A Minha Infância	82
V. Uma Adolescência Revoltada	111
VI. Londres, 1962	145
VII. O Casamento	159
VIII. A Separação	193
IX. Um Interlúdio	227
X. Michaelmas Term, 1971	240
XI. A Universidade de Oxford, 1972/74	263
XII. A Revolução, 1974/76	294
Diários de Uma Adolescente – I	331
Diários de Uma Adolescente – II	345
Dois Anos depois	360
Índice Onomástico	373

Introdução

Tudo começou, a caminho de Lisboa, nos princípios de 1995. Nesse dia, levava a minha mãe a casa da Sofia, a fim de lhe apresentar a primeira bisneta. Durante o regresso de Oeiras, notei qualquer coisa de estranho no seu comportamento. Não estando, há muito, a sós com ela, pensei que seria do nervoso mútuo. Nove meses depois, um neurologista diagnosticava-lhe a doença de Alzheimer, o que significava que a minha mãe iria perder a memória a ponto de deixar de saber quem era ou de me reconhecer. Fiquei de tal forma atónita que não reagi logo. Uma vez que as nossas relações haviam sido desde sempre tempestuosas, era-me impossível imaginar como iria enfrentar aquela crise.

Olhando-a, meses depois, à saída do consultório de uma psicóloga, apercebi-me de uma coisa. Ela *fora* — fiquei logo sem saber qual o tempo verbal adequado — uma pessoa excepcional. Numa época em que as mulheres deviam ser passivas, ela era activa; numa época em que as mulheres deviam obedecer, ela era imperiosa; numa época em que as mulheres deviam dar primazia ao marido, era ela quem mandava. Uma vencedora, dominava tudo e todos. A chantagem sentimental era a sua arma favorita. Quando os planos para os que lhe estavam próximos — e sempre teve planos para todos — eram postos em causa, recordava, de imediato, os sacrifícios por ela praticados. Se os filhos — éramos quatro — fossem obedientes, não havia problema que não fosse capaz de resolver. Caso contrário, éramos expostos à dureza do mundo. Eu optei pela rebel-

dia, a Isabel pela docilidade, o Tó pelo mimo e a Teresa pela puerilidade. Mas todos nos sentíamos simultaneamente atraídos e rejeitados pela sua personalidade.

O reverso dos seus defeitos, que não eram pequenos, eram as suas qualidades. Nunca acreditou em fatalismos. Sentia-se responsável pela sua existência e pela dos seus. Tendo subido a pulso na vida, olhava os fracos com um desprezo que podia chocar. Nunca aceitara a pusilanimidade, a lamúria, a preguiça. A pose, que forjara, acabou por se lhe colar. Parecia, e era, ativa. Quando fez cinquenta anos, tornou-se, ou notei que se havia tornado, numa hipocondríaca. Passou a consultar, com cada vez mais frequência, médicos de várias especialidades, mas estes conciliábulo eram mantidos secretos, pelo menos no que aos filhos dizia respeito. Durante anos, na sequência de uma pequena cirurgia, a minha irmã mais nova esteve convencida de que ela só tinha um rim. Eu que, pelas traseiras, falara com o médico, sabia que apenas fora sujeita a uma intervenção menor. A partir da menopausa, passou a tomar doses crescentes de ansiolíticos. Hoje, sei que não era apenas por razões físicas. O seu espírito era, há muito, atravessado por fantasmas.

Em 1989, quando o meu pai morreu — tinha ela 69 anos —, viu-se sem rumo. Sugeriu-me que, tal como faziam algumas das suas amigas, fosse visitar doentes aos hospitais. Respondeu-me que, a ter de se ocupar com alguma actividade de beneficência, preferia aconselhar presos. Arranjei-lhe um contacto na Penitenciária, situada ao lado de sua casa. Nem isso a atraiu. O que a fascinava era o poder, não os pobrezinhos. Não sabia agora o que fazer. Além de se sentir inútil, apavorava-a ter de dormir sozinha. Tendo em conta o arranjo que fizera com o meu irmão, semanas antes de o meu pai morrer, a questão pareceu-me resolvida. Ela havia decidido que o andar, onde tínhamos vivido desde a infância, seria por ele comprado, ficando ela — o amor jamais a impediu de defender os seus interesses — como usufrutuária. A solução viria contudo a causar-lhe mais problemas do que imaginara. A casa era suficientemente grande para evitar promiscuidades, mas as relações entre eles deterioraram-se. Em vésperas de o meu irmão ter o seu terceiro filho, este propôs-lhe ficar com a parte maior do andar. A ideia não a encantava, mas a

Isabel convenceu-a. Eu exprimi reservas, mas, tal como sucedera aquando da compra do andar — eu era de opinião que os meus pais deveriam continuar como inquilinos — não me ligou. A minha mãe acabou por trocar o seu vasto apartamento por um mais pequeno. Com possibilidade de albergar uma empregada interna, o meu irmão prescindiu dos serviços dela como *baby-sitter*. Jamais tendo apreciado a companhia de crianças, ela adorava o Martim, um neto feito à sua medida. Essa marginalização devastou-a. Passou a telefonar-me todos os dias, queixando-se da forma como era tratada pela criada do meu irmão. Atribuí o facto aos seus costumados exageros. A certa altura, anunciou-me que, por não poder suportar a situação, decidira ir para o lar de freiras situado em frente de sua casa. Pensei ser uma birra. Hoje, sei que se apercebera de que estava a enlouquecer.

A 1 de Agosto de 1995, depois de eu própria ter falado com a Madre Superiora, a minha mãe entrava, pelo seu pé, no lar da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. De início, apenas ali ficava à noite, passando os dias com uma empregada em casa. À medida que o seu comportamento se tornava errático, a permanência no lar foi-se prolongando. Até que acabou por lá ficar. Em Novembro de 1995, os filhos, ou antes, as filhas — os homens escapam sempre a estas coisas — decidiram que, uma vez que ela deixara de querer, ou de poder, vir a casa, chegara o momento de arrumar as suas coisas. Esvaziámos o frigorífico, tirámos dos armários os vestidos de festa, e deitámos fora as contas das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade dos anos 1950, os extractos bancários dos anos 1960 e as radiografias dos anos 1970. Era a primeira de várias arrumações. Durante muito tempo, esperámos que ela regressasse, pelo que os móveis se mantiveram nos locais onde sempre tinham estado.

Cinco anos depois, não havia dúvidas. A minha mãe estava visivelmente doente. Sabíamos agora que não recuperaria. No feriado de 15 de Agosto de 2000, nós, as três filhas, voltámos a sua casa. Tentando esconder os sentimentos, deitámos fora tudo o que não nos pareceu valioso. Abrimos armários, revistámos gavetas, limpámos arcas velhas. Fiquei estupefacta com a quantidade de tralha que conseguira amontoar. Por todo o lado, havia restos de seda, botões de madrepérola e até sacos com moedas, um indicador de quanto a

sua personalidade se alterara. Embora não quiséssemos rejeitar nada que pudesse vir a revelar-se necessário, a tentação era a de despaçar tudo o mais depressa possível. Como a Teresa tinha levado uns sacos de plástico gigantescos, metemos neles a roupa que a minha mãe jamais voltaria a usar. A Isabel conferiu as poucas jóias que a minha mãe possuía. A mim, coube-me analisar os papéis espalhados pelas gavetas. Sem tempo para os ler, escolhi, ao acaso, alguns montes de cartas e cadernos.

Quase não conversámos, o que, tendo em conta a nossa natural propensão para o barulho, era extraordinário. As minhas irmãs pareciam absorvidas por pensamentos sobre os quais as não interroguei, tendo eu optado igualmente pelo mutismo. Enquanto metia no saco os papéis da minha mãe, entretive-me a recordar o dogma da Assunção da Virgem Maria, que nesse dia se celebrava. Tanto quanto sabia, e não era muito, o feriado celebrava a ascensão para o Céu, de corpo e alma, da Virgem, algo que não vem referido no Novo Testamento, e que, por razões para mim insondáveis, o Papa Pio XII decidira definir como Verdade, ou seja, algo em que todos os católicos teriam, a partir de então, de acreditar. Cheguei a interrogar-me sobre o que a minha mãe teria pensado sobre o assunto, mas sei que, caso tivesse falado com ela, a sua resposta seria a de que não tentasse resolver intelectualmente coisas que dessa forma o não poderiam ser. Foi então que reparei que havia estado a arrumar os papéis debaixo de uma tela a óleo, comprada pelo meu pai na Feira da Ladra, representando uma Virgem de tez amarelada. Sorri, pensando na cena que a minha mãe teria feito, ao ver o objecto — mais um — a entrar pela casa. O facto de, no relógio da sala de jantar, terem tocado as oito horas quebrou o fio das minhas reflexões. Com a anuência das minhas irmãs, trouxe para casa os documentos que tinham pertencido à família, tendo-lhes prometido arrumar o espólio.

Enquanto a minha mãe perdia a sua memória, eu ganhava a minha. De início, meti a documentação dentro de uma arca na minha cave, onde ficou meses. Até que, na Primavera de 2001, a curiosidade venceu as resistências. Comecei por ler as cartas de namoro da minha avó, um núcleo envolto em papel de prata e atado com um lacinho de seda. Fiquei tão comovida que só passadas semanas

consegui abrir os restantes pacotes, entre eles o que guardava as cartas de namoro escritas pelo meu pai. Finalmente, num monte de papéis avulsos, descobri o Diário que a minha mãe redigira enquanto adolescente. Arrumei o material como se de documentos de uma investigação se tratasse. Comprei vários metros de nastro, com os quais, imitando os procedimentos da Biblioteca Nacional, fiz umas pastinhas.

Depois, devagar, muito devagarinho, fui lendo tudo. Esperavam-me surpresas. A maior dizia respeito ao meu avô materno, em relação ao qual tivera já um prenúncio de mistério. Ainda a minha mãe se encontrava relativamente bem quando, a 10 de Abril de 1995, fomos lanchar a sua casa. Nesse dia, deparei-me com uma fotografia encostada aos livros da estante. De início, apenas me chocou o facto de a mesma estar sem moldura, o que destoava das restantes, todas bem resguardadas. Interrogada sobre quem era aquele senhor, a minha mãe apenas forneceu respostas lacónicas. Que sim, que era o seu pai, que sim, que era o marido da avó Maria, que sim, que se chamava Joaquim, que sim, que era minhoto, que sim, que morrera nos anos 1920 durante a «pneumónica» (uma epidemia que, em Portugal, matara cerca de 100 mil pessoas). Mais uma vez nos contou que, dado a avó Maria ter ficado tuberculosa, a minha mãe e a sua irmã haviam sido educadas por uma senhora bondosa, de seu nome Emília, irmã daquele avô. De livre vontade, apenas acrescentou que o seu pai fora um exímio jogador de «pau».

Uma coisa saltava à vista: a informação de que o meu avô morrera quando a minha mãe era criança não condizia com a idade do homem do retrato. Foi o desejo de querer saber mais sobre este antepassado que me levou até este livro. Pela primeira vez, ousei duvidar do que a minha mãe me contara sobre a sua ascendência. O homem da fotografia andava pelos quarenta anos, portanto a tese de que ele morrera em jovem era inverosímil. Quando ela saiu da sala, a fim de ir buscar o bule, observei a chapa com atenção. A primeira coisa que me impressionou foi os dois, ele e a minha mãe, serem tão parecidos. Loira e de cara esguia, a minha mãe nada herdara da minha avó, morena e de cara larga. O seu ar «celta» vinha, em linha directa, do pai. Olhei, mais uma vez, a imagem, tira-